

## A geopolítica do petróleo e os seus impactos para o sistema internacional: entrevista com Ricardo Leães, pesquisador e analista da Fundação de Economia e Estatística (FEE-RS)

*1. De que maneira se configura a atual conjuntura do mercado global de energia, especialmente com a abundância na oferta de petróleo e a consequente queda generalizada nos preços dessa commodity a partir da metade de 2014?*

O mercado global de energia vem atravessando um abalo inesperado desde julho de 2014, quando o preço do petróleo começou a desabar. Esse fato foi surpreendente na medida em que o valor dessa commodity, que passara por um intenso ciclo de alta entre 2004 e 2008, se mantinha relativamente estável, e em um patamar elevado, desde a recuperação da crise financeira. Com a abrupta queda, o preço do petróleo, à época em torno dos U\$100, chegou a bater o nível dos U\$30, para depois se recuperar e oscilar ao redor de U\$50. Imediatamente, foram aventadas causas econômicas e políticas para explicar esse processo: por um lado, a retração da demanda petrolífera (sobretudo da China), combinada com um excesso de oferta no mercado global, pressionaria uma redução dos preços; por outro, tratar-se-ia de uma trama saudita, pois Riad teria o interesse em manter valores mais baixos para prejudicar seus rivais Irã e Rússia e para inviabilizar a produção energética em fontes não convencionais, como o shale, nos EUA, e as areias betuminosas, no Canadá.

Nenhuma dessas respostas, porém, parece dar conta da extensão do fenômeno, cuja natureza multifacetada torna qualquer conclusão monocausal simplista

demais. De fato, houve um excesso de oferta no mercado mundial – agravado pela desaceleração da economia chinesa –, e a Arábia Saudita tem o interesse em se manter como país-chave da exploração de petróleo, mas essas explicações não esgotam o problema. Em relação à questão econômica (demanda x oferta), basta conferir os dados de produção e consumo de petróleo para ver que a oscilação dos preços se dá em um padrão e em um nível que não condizem com a mera relação entre demanda e oferta, pois fatores políticos, de custos e a financeirização das commodities tendem a amplificar essa dinâmica. Já no que diz respeito à Arábia Saudita, é imperativo ser mais cauteloso ao se afirmar que se trata de uma política deliberada de sabotagem, uma vez que Riad tradicionalmente adota uma postura comedida em relação ao petróleo. Não é a tradição saudita forçar manipulações apenas para prejudicar seus rivais e concorrentes. Nos anos 2000, por exemplo, quando o preço alto beneficiou Irã e Rússia, os sauditas nada fizeram para tentar mitigar esse fato.

Na verdade, acredita-se que há uma intenção política por trás dos atos sauditas, mas não dessa forma conspiratória. Ocorre que, quando os preços começaram a cair – à revelia dos desejos sauditas –, o país foi instado a lançar mão de sua condição de swing producer e diminuir a oferta de petróleo para reequilibrar o preço. Nesse momento, Riad se recusou a tomar essa medida e ainda elevou levemente sua produção. Oficialmente, justificava-se que, em uma conjuntura parecida nos anos 80, a Arábia Saudita aceitou reduzir sua produção com o propósito de aumentar os preços, mas essa diminuição foi compensada por aumentos em outras áreas, o que manteve os valores baixos e ainda retirou market share dos sauditas. Nesse sentido, vemos que, ao invés de articular maquiavelmente esse processo, os sauditas estão, na verdade, se aproveitando de uma situação já em curso, pois têm mais condições que seus concorrentes de sobreviver a um preço mais baixo, visto que seus custos de produção são muito menores. É, portanto, antes uma resposta estratégica a um fenômeno complexo do que uma manipulação direta.

Aparentemente, o petróleo é uma questão mais geopolítica do que econômica, uma vez que sua localização é desigual e concentrada nas mãos de poucos Estados. A situação faz com que determinadas conjunturas beneficiem mais os produtores ou os consumidores, o que pressiona os preços na mesma direção. Atualmente,

vê-se que as fontes não convencionais (shale e areias betuminosas) permitiram uma recuperação das indústrias energéticas norte-americana e canadense, permitindo uma importante redução das importações norte-americanas de petróleo. Desse modo, ao contrário do que vinha acontecendo nas últimas décadas, a sensação de que os recursos energéticos estavam escasseando diminuiu, visto que os EUA parecem muito menos vulneráveis do que no passado. Dada a relevância dos Estados Unidos enquanto principais produtores, consumidores e importadores, uma mudança dessa proporção tem impactos claros para o mercado petrolífero. Se, em outros momentos, a OPEP parecia ter muita margem de manobra frente aos EUA e seus aliados, o ambiente atual é outro: os EUA não são autossuficientes, mas já não parecem vulneráveis, o que altera o peso da disputa por recursos energéticos.

*2. Como essa conjuntura se relaciona com a dinâmica política do Oriente Médio, principalmente no que diz respeito às políticas da Arábia Saudita de produção e exportação de petróleo frente a reinserção do Irã na economia global e a crescente competição imposta pelas indústrias de gás de xisto nos Estados Unidos?*

Como vimos acima, o preço do petróleo traz desdobramentos fundamentais para os grandes produtores, mas por motivos distintos. Até o momento, a Arábia Saudita se mostra com condições de suportar esse processo, pois seu estoque de riqueza acumulado – inclusive no mercado financeiro –, bem como um nível de produção muito alto compensam essas perdas. O Irã, por outro lado, precisaria que o preço do petróleo estivesse mais alto, uma vez que os anos de sanções e afastamento dos mercados internacionais proporcionaram uma redução do seu nível de produção. Assim, para retomar os resultados dos anos 70, o Irã necessita de vultosos investimentos externos, o que se torna difícil de ser obtido em uma circunstância adversa. Da mesma forma, em comparação com a Arábia Saudita, o sistema político do Irã é mais representativo, e sua população é muito maior, o que torna urgente o aumento de seus recursos.

No tocante ao *shale*, ademais, pairam mais dúvidas do que certezas. Quando o preço do petróleo começou a cair, especulou-se que esses produtores não teriam condições de manter sua extração, dados seus elevados custos de produção. Assim, havia o receio de que o nível da produção dos EUA voltasse ao patamar de 2007, quando o *shale* ainda não estava em voga. Dois anos após o início desse processo,

observa-se que, de fato, houve um impacto significativo, pois os investimentos diminuíram e a produção – que vinha em alta – se estabilizou. Ainda assim, é digno de nota que não ocorreu a retração esperada, e alguns analistas já asseveram que o *shale* pode resistir mesmo se o valor do petróleo se mantiver no atual nível.

*3. Em que medida as políticas adotadas pelos países exportadores de petróleo impactam para a inserção internacional do Brasil e o desenvolvimento de sua economia após a descoberta do Pré-Sal?*

A medida só pode ser corretamente apreciada na medida em que tenhamos certeza dos impactos das políticas da OPEP para o preço do petróleo. Mas não há clareza em relação a isso. Já houve momentos em que o cartel tomou medidas que, ou não surtiram o efeito esperado (como no exemplo acima nos anos 80), ou produziram resultados contrários aos seus interesses, como em 1998, quando os países proporcionaram uma queda indesejada nos preços. Nesse sentido, é sabido que o caráter oligopolizado do mercado petrolífero confere prerrogativas especiais aos países exportadores, mas é difícil saber com precisão de que forma e com que intensidade esse processo se desenrola.

Ainda assim, em relação ao Brasil, se considerarmos que a recente redução do preço do petróleo é obra da Arábia Saudita, é possível ver efeitos de ordem positiva e negativa. Por um lado, um valor mais baixo é positivo para a Petrobras porque aumenta sua rentabilidade, uma vez que seus preços administrados podem ficar um pouco acima em níveis internacionais, o que serviria para compensar as perdas os anos em que o preço dos combustíveis esteve represado. Em contrapartida, se o petróleo estiver em um patamar baixo, é possível que diminua o interesse e a viabilidade na produção do pré-sal, cujos custos de exploração são mais altos. Ainda pairam dúvidas, porém, sobre qual seria o break-even dessa fonte, sobretudo porque há uma tendência de paulatina redução dos custos com a própria execução da atividade.